

AZUL INSTANTÂNEO

Pedro Vale

É preciso viver sem paixões.
Mergulhar no absoluto anonimato,
Permanecer morto ou vivo até ao fim.
Aclamar o tumulto escuro e bruto.
Encenar o drama clemente e lento.
Sentir um amor ideal por anjos nebulosos.
Descobrir um novo fundo de poesia e aguardar
uma voz que nos ordene docilmente:
– Não te movas, nem te inquietes,
nem traias o que
ainda não
és.

Cisma
Em mim um
Conceito,
Quase uma
Ordem estabelecida.

– o desejo.

Quanto
Menos o
Pratico,

Mais
se manifesta e me
surpreende por
excitante e novo.

Glicínias.

Hoje acordei com uma andorinha no estômago.
A noite era de tempo limpo e sono.
Sabia a quebra milenar, cabelo solto.
Nenhuma angústia, lei, mato ou víscera defronte.
O prédio seguia o seu curso normal de vida,
[espécie de abrigo impune.
Gineceu.
Observava sem capacidade estrelada o céu,
[quando a miúda astronomia me
Espantou a inocência.
A circular impressão se revelara.
Tal como no meu estômago,
[assim uma via-andorinha, se alongava, qual
fita emprestada, distraidamente, no ar.

Porto
A poesia vai
Pela rua,
Nua.
Esconde-se
Nas manhãs mais
Frias.
E é à noite que lhe foge
A voz.
Lenta
E lenta,
Lentamente,
Até
Desembainhar
Na
F
O
Z

PEDRO VALE vive no Funchal, na Ilha Madeira, desde 2002, onde é professor de primeiro ciclo. Coursou Ciências da Cultura e frequenta o mestrado em Gestão Cultural na Universidade da Madeira. O seu primeiro livro, *Azul Instantâneo*, do qual fazem parte os poemas aqui apresentados, foi lançado em dezembro de 2017 e o autor trabalha há largos meses na sua segunda edição.